

Os coletivos feministas como mediadores da informação e cultura: uma incursão nos coletivos “Espaço Marciana” e “Sementeiras de Direitos”

Jaciara Maria de Jesus Oliveira

Resumo

Aborda o papel dos coletivos feministas “Espaço Marciana” e “Sementeiras de Direitos”, como mediadores de informação e cultura, bem como suas contribuições para o empoderamento feminino na periferia da Zona Sul de São Paulo. Por meio levantamento e revisão bibliográfica, utilização de método exploratório, de observação não participante e descrição densa da análise documental, além de análise qualitativa a partir das entrevistas com perguntas semi-estruturadas. Busca-se apontar: Qual o valor da informação e dos mediadores da cultura e da informação diante das lutas e dos movimentos sociais? A relevância da pesquisa pode ser justificada considerando a ausência de polos educativos, culturais e informacionais na área recortada e, principalmente a carência de profissionais que possam identificar nesses coletivos, um instrumento com grande potencial para mediação e disseminação da informação.

Palavras-chave: Coletivos feministas. Mediação da Informação. Mediação Cultural. Mediador

Abstract

It discusses the role of the feminist groups "Espaço Marciana" and "Sementeiras de Direitos", as mediators of information and culture, as well as their requests for female empowerment in the outskirts of São Paulo's Zona Sul. To be done, it uses of a survey and bibliographic review, exploratory methods, non-participant observation, and a dense description of documentary analysis, besides the qualitative analysis from the interviews followed by semi-structured questions. It aims to answer the question: What is the value of information and of the mediators of culture and information? The relevance of the research is justified by considering the absence of educational, cultural and informational poles in the selected area and, in particular, by the lack of professionals whom may identify in these groups, an instrument with great potential for mediation and dissemination of information. It is concluded by realizing that mediation of information and culture are interconnected and it's practices happen on an context of connected themes.

Keywords: Feminist Groups. Mediation of Information. Cultural Mediation. Mediator.

INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação passou a observar novos objetos durante os últimos anos, aplicando seus conceitos nos mais diversos contextos sociais, oferecendo visibilidade a temas historicamente invisibilizados, como por exemplo, a questão da desigualdade de gênero e seus desdobramentos. A necessidade em falar sobre a mulher da periferia, seus gostos, afetos e suas vivências, tornou-se urgente e relevante, no sentido de apresentar o protagonismo dessas mulheres a partir de seu envolvimento em ações de cunho coletivo.

Viver nas periferias de São Paulo é estar inserido em um cenário onde os indivíduos, principalmente meninas e mulheres, tem o acesso à informação limitado ou suprimido. Os dados divulgados no Mapa da Desigualdade 2017, apontaram que o distrito de Parelheiros, que é a área de recorte para esta pesquisa, possui os piores indicadores no que tange aos equipamentos de educação, cultura e saúde básica na região. O distrito de Parelheiros teve resultado igual a zero em cinco dos cinco indicadores para avaliação de equipamentos de cultura. Ou seja, a região não possui centros culturais, casas e espaços de cultura, cinemas, museus, salas de shows e concertos. Com opções tão mínimas ou inexistentes, as ações de mediação e têm sua força nas bibliotecas populares ou comunitárias.

Adequado ao cenário da Biblioteconomia e Ciência da Informação, este trabalho se dispôs a investigar o papel dos coletivos “Espaço Marciana” e “Sementeiras de Direitos”, como mediadores de informação e cultura, contribuindo para o empoderamento feminino na periferia da Zona Sul de São Paulo, e buscou responder a seguinte pergunta: de que maneira os coletivos feministas atuam como mediadores da informação e cultura e colaboram para o empoderamento de mulheres na Periferia da zona Sul de São Paulo? Qual o valor da informação e dos mediadores da cultura e da informação diante das lutas e dos movimentos sociais?

A relevância da pesquisa justificou-se considerando a ausência de polos educativos, culturais e informacionais na área recortada e, principalmente a carência de profissionais com habilidade em identificar nesses coletivos, um instrumento com grande potencial para mediação e disseminação da informação. O corpo teórico contemplou pesquisa utilizando autores como Celi Regina Jardim Pinto, Almeida Junior, Vygostky, teses, dissertações e monografias que fizessem referência aos

temas abordados na pesquisa, assim como outros recursos, como os sites da Universidade Livre Feminista e do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitários - IBEAC. A metodologia escolhida foi de caráter exploratória, de observação não participante e descrição densa da análise documental, por meio de análise qualitativa a partir das entrevistas com perguntas semi-estruturadas, também realizou-se análise de conteúdo de comunicação áudio-visual e transcrição dos áudios de whatsapp, além de realizar levantamento bibliográfico, com a finalidade de responder aos objetivos geral e específicos.

Sabemos que meninas e mulheres enfrentam muitas dificuldades em várias situações do cotidiano e que são potencializadas quando o cenário é o da periferia. A elas, são limitados direitos e serviços básicos, as oportunidades de trabalho são escassas e na maioria das vezes, estão localizadas em regiões muito distantes. Considerando que é, por tantas vezes, negligenciada pelo poder público que não viabiliza meios para acesso à informação, a periferia busca novas formas de repercutir suas demandas.

Na atualidade, essas repercussões ocorrem principalmente em espaços organizados nas periferias, caracterizadas e muitas vezes oriundas de organizações como associações de moradores de bairro, ONGs e os Coletivos. No âmbito desta pesquisa, os Coletivos e a amplitude de seu conceito serão aplicados aos Coletivos Feministas. Para tanto, faz-se necessário além de conceituá-los, contextualizar seu espaço de origem: a periferia.

De acordo com Tanaka (2003), é na década de 1970 que as manifestações populares recolocam no cenário político perspectivas transformadoras, ao abrir novos espaços públicos, leia-se políticos, na sociedade que levaram à abertura de um campo de reflexão teórica sobre as possibilidades contidas na ação dos movimentos sociais organizados, ou seja, claramente caracterizados com base popular. Essa mobilização deu-se, principalmente, em função da ascensão dos problemas urbanos nas nos anos de 1950 aos anos de 1970, com a explosão da população e da mancha urbana das cidades industriais, um fenômeno com destaque na cidade de São Paulo, mas que também reverberou de maneira significativa em outros Estados.

Este fenômeno ganha visibilidade pública e passa a ser reconhecido como um problema pela sociedade, a partir da disseminação midiática da época. A ideia do caos toma grande força considerando as políticas do governo federal de disseminação do planejamento tecnocrático, ou seja, um tipo de planejamento de orientação modernista, que se propunha a resolver os problemas urbanos por meio de soluções técnicas. (TANAKA, 2003). É provavelmente neste contexto que surge a referência da periferia como:

[...] um lugar da cidade pobre, distante, malformado fisicamente, diferente dos bairros centrais e residenciais de classe média e alta, onde não houve uma orientação e controle do Estado. (TANAKA, 2006, p. 93)

Tanaka, em sua dissertação, discorre sobre como a visão distorcida da periferia disseminada pela mídia, ajudou a difundir no senso comum a ideia de que os problemas urbanos são resultantes de um crescimento explosivo da metrópole e da falta de planejamento. Segundo Tanaka (2006), a contrapartida a este senso comum é o fato de que a população cada vez mais organizada e consciente de que os tais problemas urbanos ocorrem com maior intensidade em determinadas regiões da cidade as quais concentravam-se significativa parcela da população, a de baixa renda, deu início a protestos e manifestações direcionados contra as péssimas condições dos locais de moradia da população mais pobre e trabalhadora. Tomando proporção cada vez maior nos meios de comunicação, essas manifestações, a princípio de ordem imediata, desenvolveram corpo e forma de expressão de revolta popular, passaram a ser canalizadas em grupos ainda mais organizados e articulados entre si: os movimentos sociais urbanos.

Assim como o surgimento dos movimentos sociais urbanos tomaram forma de expressão de revolta popular, os Coletivos Feministas tomam na atualidade, corpo e forma de expressão de mulheres na periferia de São Paulo, no sentido de que promove de maneira organizada o acolhimento, o debate, o compartilhamento de ideias, tecendo redes de apoio e solidariedade frente aos problemas da comunidade. Considerando que o feminismo é um movimento organizado cujo propósito é a luta das mulheres pela equivalência de seus direitos, políticos, sociais e econômicos aos direitos dos homens, podemos interpretar com base nas definições coletadas, que o termo Coletivo Feminista refere-se a um grupo organizado de maneira plural e não hierárquica, com o objetivo de promover às mulheres uma rede de acolhimento, de

diálogos e debates pautados na luta pela igualdade de direitos na sociedade, bem como dar voz e espaço para suas criações de cunho libertário no campo artístico e cultural em prol do desenvolvimento, visibilidade e transformação social.

Para Machado e Vergueiro (2010), esses projetos, em sua maioria, incentivam o uso de práticas e metodologias participativas pautadas em princípios propostos por educadores, sociólogos, economistas, entre outros. Entretanto, cabe observar que embora os autores atribuam aos profissionais com formação acadêmica a realização desses projetos, sabemos que no que tange ao cenário das periferias, a efetivação de espaços voltados para mediação de leitura, informação e cultura, dá-se na maioria das vezes, em virtude da boa vontade de membros das comunidades, bem como auxílio de pessoas ligadas aos chamados Movimentos Sociais, que possuem uma atuação expressiva.

O ambiente dos coletivos seja físico ou digital, proporciona às meninas e mulheres da periferia, uma troca muito significativa. Ações simples como uma roda de leitura, provoca a reflexão e o debate. É uma troca transformadora, pois, cria para essas mulheres uma rede de apoio, desenvolvendo seu senso crítico e estimulando sua capacidade de expor sua opinião e fazer valer a sua voz.

Tomamos por mediação da informação o processo pelo qual indivíduos, o meio e os suportes nos quais essa informação está registrada, estabelecem uma interação. Almeida Junior (2009), afirma que

[...] toda ação de interferência-realizada pelo profissional da informação-direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural, individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92)

Embora na atualidade haja uma explosão de no fluxo de informações aliada ao crescimento na variedade de suportes, nos quais estão armazenadas, a informação com corpo de conhecimento, ainda não é acessível a todos. Enquanto Almeida Junior expõe o conceito de mediação calcado no processo de interferência, diálogo e interação, Vygostsky, por outro lado, trata da mediação também como um processo que dinamiza e transforma as interações sociais. Suas inferências são comumente utilizadas na produção de conteúdos direcionados à educação,

considerando que uma das faces mais exploradas à luz de Vygotsky traz o professor como o principal mediador no processo de aprendizado nas escolas.

Segundo Barbosa, Farias e Varela (2014, p. 143) a abordagem utilizada por Vygotsky para mediação é sob a perspectiva psicológica, pois entendem que a mediação constitui-se a base da relação do homem com o mundo e o outro, e que assim o desenvolvimento humano acontece por meio das relações mediadas entre os indivíduos e a realidade, que o ato mental é motivado pela mediação. A abordagem sócio histórica de Vygotsky apoia-se na dialética marxista e centra-se na ideia de que o ser humano se desenvolve pela interação social e, ao haver transformações nas conjunturas sócio históricas dos indivíduos, há também mudanças qualitativas nos processos de construção do conhecimento (BARBOSA; FARIAS; VARELA, 2014, p. 143 e 144). Desta forma, podemos considerar que sob a ótica de Vygotsky, o homem é um ser naturalmente social e que o processo de construção de seu conhecimento, se dá por meio do aprendizado com a utilização de ferramentas de ordem cognitivas.

O processo de mediação não é apenas uma estratégia e não está atrelada simplesmente à ideia de movimento na direção da interação social, mas está implícita em seu contexto a noção de poder, ainda que não seja o poder pela subjugação, mas o poder pelo conhecimento, pela competência, pelo respeito, pela credibilidade, pela crença, enfim pelos valores sociais e humanos. (BARBOSA; FARIAS; VARELA, 2014, p. 164). O conceito de mediador da informação é normalmente e naturalmente atribuído ao profissional da informação, seja ele um bibliotecário, um arquivista, ou mesmo um profissional que atua em museus. No âmbito desta pesquisa, podemos inferir que:

Os mediadores e a mediação não estão restritos a uma categoria profissional e nem a uma atividade específica. O mediador pode ser o professor, um padre, um pastor, um escritor, um jornalista, um apresentador de TV ou rádio, um bibliotecário, um crítico de cinema, entre outros. Cada mediador tem sua importância. Os mediadores do conhecimento favorecem a interação entre pessoa e objeto do conhecimento, propiciando a construção, divulgação, disponibilização e reconstrução do conhecimento. Tais mediadores podem se dividir em incontáveis profissões nos diferentes estratos sociais e culturais de uma comunidade, seja ela letrada ou popular. (BICHERI, 2008, p. 94)

Vale destacar que o profissional da informação (aqui referencia-se o bibliotecário), foi visto por muito tempo como aquele que promovia a guarda e organização de acervos. Sua experiência e atuação eram limitadas aos ambientes convencionais de informação. No entanto, com o advento da Ciência da Informação e a explosão da massa informacional, esse profissional teve sua atuação direcionada para outras áreas e funções. Toda aquela informação precisava ser tratada e disseminada de maneira correta. Ocorre que os processos de compreensão dessas novas informações transcenderam às práticas usuais desses profissionais. O bibliotecário nesse cenário passa a ser o instrumento, o facilitador na relação informação-indivíduo.

Segundo Cunha (2003, p. 45), é inegável a importância da informação para o desenvolvimento da sociedade como um todo, como de cada cidadão em particular. Vivemos em um período em que a informação tornou-se o insumo básico para a tomada de decisões em qualquer nível e o papel dos profissionais da informação e, particularmente, dos bibliotecários é fundamental. A informação só tem sentido quando é comunicada. Comunicar informação é tarefa essencial do bibliotecário. De outro modo, Barreto (2002) informa que o ato de comunicar a informação não é neutro. Pois é um ato que pressupõe decisões, pressupõe escolhas. Neste sentido, ao bibliotecário e profissional da informação também é imputada a grande responsabilidade não só de comunicador mas também de mediador da informação.

O advento informacional relaciona vários artefatos sociais e é um produto gerado pelo sentido. Conforme Aquino e Santos (2016, p. 2), para entendê-lo é necessário percorrer as dinâmicas das relações e práticas sociais que direcionam os aspectos culturais. Marteleto (1995) afirma que a informação se refere ao modo de relação dos sujeitos com a realidade e aos artefatos criados pelas relações e práticas sociais. A informação pode ser “entendida como processo ou produto, [...] [sendo] sempre uma “probabilidade de sentido.” (MARTELETO, 1995, p. 2). Pode-se inferir que a mediação da informação e a cultura apresentam-se de maneira interligada. São conceitos que uma permeiam naturalmente um pelo outro, se considerarmos que a Ciência da Informação utiliza as teorias dos Estudos Culturais, assim como este.

Macedo e Silva (2015, p. 67), abordam que no campo da Ciência da Informação, a informação social tem como eixo central o aspecto sócio cultural e histórico e enfatiza a informação “como procedimento, fenômeno e artefato da ordem da cultura, sendo contextual e historicamente circunscrita e atrelada à instituição de sentidos e significados” (MARTINS, 2010, p. 23). Contextualizada na periferia, a mediação cultural está ligada de maneira significativa às ações do saber local. Para Rasteli e Caldas (2017, p. 47), a cultura está agregada a um imenso conjunto de variantes muito peculiares, de cada grupo, de cada povo, de cada gueto, incidindo nas mais diferentes manifestações humanas em todas as suas esferas. É neste contexto que as bibliotecas têm seu papel ampliado sob a perspectiva da cultura, uma vez que sua força motora é centrada no direcionamento para a melhoria das condições socioculturais. Face ao exposto, a mediação cultural visa fornecer a um público, obras (ou saberes), e sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos inicialmente estranhos um ao outro, para que permita uma apropriação do público do objeto cultural.

Para estabelecer de maneira assertiva o conceito de mediador cultural, toma-se como referência o bibliotecário considerando que este, tem um campo muito amplo de atuação. Caracterizado como agente de transformação social, cabe a ele utilizar-se de todos os elementos disponíveis para mediar as ações culturais de maneira plural e satisfatória. Neste sentido, segundo Teixeira Coelho (1997:248), o mediador cultural é “todo aquele que exerce atividades de aproximação entre indivíduos ou grupos de indivíduos e as obras de cultura.”

Deste modo, cabe ao bibliotecário e ao profissional da informação, a tarefa de transcrever as ações culturais realizadas para um entendimento onde a mediação atua como um transformador social. Ainda, de acordo com SANTOS (2003) o bibliotecário deve associar os conhecimentos da área de biblioteconomia aos conhecimentos de cultura e organizar como as informações culturais poderão ser apresentadas e discutidas pelos usuários. No âmbito da periferia, espaços destinados às bibliotecas populares ou comunitárias, constituem ambientes propícios ao desenvolvimento e visibilidade do bibliotecário atuando com a mediação cultural. Esses espaços surgem a partir da vontade, necessidade e trabalho de uma comunidade “[...] normalmente, aparecem em bairros onde vivem pessoas de uma classe social menos favorecida, com experiências de luta.” (BADKE, 1984, p.18).

DESENVOLVIMENTO

Antes de descrever o Coletivo “Espaço Marciana”, faz-se necessária uma breve apresentação de sua principal idealizadora, Carina Castro. Carina é poeta, pesquisadora e ativista cultural. Formada em Letras pela USP, é autora do livro de poesia Caravana (Editora Patuá, 2013). Dentre as várias atividades, dedica-se também aos textos para crianças e jovens, os quais possui significativa visibilidade pois ganhou o Prémio Lusofonia de Portugal (2012) na categoria “conto infanto-juvenil”. Segundo ela, de lá para cá muitos de seus textos estão engavetados, alguns publicados em revistas digitais e antologias diversas, entre elas a mais recente. É agora como nunca (Cia das Letras, 2017). Em parceria com Deborah Erê, criou o selo de “publicações independentes & intervenções gráfico-poéticas Selenitas”. Realiza apresentações musico poéticas com Wilson Cabral, projeto intitulado Líricas Sonoras. É idealizadora e atuante no coletivo de feminismo, arte-educação & infância Espaço Marciana. Atualmente escreve um novo livro e ministra oficinas de criação literária para mulheres e crianças.

Segundo Carina, o Coletivo Espaço Marciana surgiu da vontade de algumas amigas de diferentes partes do Brasil, conectadas pela internet, com diferentes saberes e gostos, mas um desejo - e tantos outros - em comum: criar um espaço para falar das questões femininas diretamente com as meninas mais novas e dar espaço de voz para elas. E neste espaço poder compartilhar suas inquietações e experiências, potencializando suas habilidades. Ela destaca que essa vontade surgiu por perceberem a necessidade urgente de falar sobre feminismos com as mulheres desde a infância, pois é nesta fase onde toda a opressão começa. Antes mesmo da criança nascer já são definidos quais papéis ela deverá desempenhar na sociedade de acordo com seu gênero. Define-se o que vai ser, o que irá vestir, como irá brincar, se comportar, se relacionar e pensar. E tudo isso partindo de uma ideia de mundo binária e limitada, porém, sua vontade é justamente mostrar que existem outros mundos e outras formas de vê-lo e construí-lo. Pois este pensamento binário não comporta sequer o nosso próprio planeta.

A Marciana é a personagem que criada por Carina e as amigas para dialogar com suas leitoras. Ela é uma menina que vem de outro planeta conhecer a Terra. E nessa interação, nessa viagem, a Marciana e as “terráqueas” vão se conhecendo, e nesse contato algumas coisas vão se desnaturalizando. De acordo com Carina, a Marciana nos faz perceber nosso mundo com outros olhos, partindo de outro ponto de vista e dessa forma podemos então questionar nossos hábitos mais corriqueiros, e perceber que também estão enraizados em nossa cultura, e que muitas vezes reproduzimos como muitas coisas que fazemos e que nos submetemos sem perceber de onde vem e a quem atinge.

Sobre a escolha do conteúdo postado na página da rede social *Facebook*, e qual a expectativa do impacto dessas postagens nas pessoas que visualizarão, Carina diz que são motivadas por pensar no conteúdo que temos acesso hoje na fase adulta - muito por conta da repercussão na internet - o qual não chegou até nós na infância ou adolescência, nem pelos pais, nem pela mídia, nem pela escola. O que fez com que a gente se desse conta de que ter acesso a estas informações poderia ter mudado nosso destino, ou pelo menos nossa trajetória, sem tantas crises de identidade e autoestima.

Questionada se essas postagens contribuem no processo de empoderamento e transformação das mulheres especialmente no contexto da periferia, Carina destaca que poderíamos carregar menos traumas e ter tido uma infância e adolescência mais leves, tranquilas e plenas. Sem ter que nos esforçar em dobro para chegar a qualquer lugar, o outro lado da rua, à escola, à universidade, qualquer lugar onde queiramos estar. É uma conquista poder falar e ter alcance. Queremos falar com as garotas que têm e as que não têm acesso à web.

Informa que em muitos países ainda é vetado às mulheres o direito à educação, mais um limite (entre tantos) que é imposto ao nosso desenvolvimento intelectual e humano. Existem situações ainda piores mundo afora e também muito perto, às vezes tão perto que quase não enxergamos. Existem meninas que sequer podem desfrutar de sua infância. Pensando nisso tudo, entendemos que apenas nos unindo podemos nos fortalecer para resgatarmos nossos direitos e nossas subjetividades, pois estas nos foram negadas historicamente, tentando nos tornar invisíveis.

Carina finaliza seu relato com a seguinte mensagem:

“Então nós, multicoloridas que somos, queremos espalhar nossas cores pelo mundo, pensamos ser de extrema urgência falar sobre a liberdade das meninas, nossos corpos, nossos direitos e nossas potencialidades. Nos pautamos na educação e na arte para atingir transformações, aproximando as minas de outras minas, criando espaços para atividades onde possam desenvolver e descobrir seus gostos e habilidades livremente” (Carina Castro, 2018).

O Coletivo “Espaço Marciana” foi criado para acesso de meninas, mulheres, pais e educadores permitindo a produção e compartilhamento de conteúdos voltados para meninas, jovens adolescentes e mulheres.

Por meio do “Redes e Ruas” desenvolveram ações culturais em alguns bairros da zona Sul de São Paulo. São projetos que promovem a interação, conhecimento, diálogo, discussão e reflexão sobre assuntos de cunho étnico racial, diversidade de gênero, representatividade. São oficinas literárias, de grafite, documentários, fotografia, inclusão digital, etc.

Carina gentilmente também fez um breve relato sobre o processo de construção e desenvolvimento do **projeto Conexões: as minas tão ligadas!** Segundo ela, o projeto evoluiu um trabalho de pesquisa, registro, diálogos e intervenções artísticas tendo como público alvo meninas na região Sul da cidade de São Paulo.

A seguir o relato na íntegra:

Nossa jornada se dividiu em três fases: **no primeiro momento** estudamos o território e a partir de um questionário circulado em escolas da região descobrimos os locais nos quais as e os erês do Campo Limpo, Jardim São Luís e Jardim Letícia brincavam e de quais brincadeiras de rua (ver mais na seção “Descobertas”);

Num **segundo momento** chegou a hora do rolê! Realizamos atividades artísticas, rodas de conversa e oficinas, fizemos amizades e conhecemos muitos lugares (ver mais na seção “As minas tão ligadas”).

Por fim, depois de tudo que aprendemos e vivemos ficamos com vontade de **compartilhar nossas experiências, apresentar amigas que fizemos umas para as outras e**

facilitar o acesso aos rolês pela região, isso tudo na forma do lançamento do documentário *“Conexões: Tra(n)çando caminhos ao Sul”* - com roteiro de Mila Coutelo e direção de Camila Fontenele - dessa revista que você está lendo e de um aplicativo com mapas colaborativos que indicam coisas legais pra se fazer, brincar - desenvolvido pela InfoPreta. Esperamos que nossas descobertas e trilhas inspirem meninas a saírem de casa e colocarem toda sua arte, criatividade e narrativas na rua. (Carina Castro, 2018).

O Coletivo é apresentado por meio da descrição de material áudio visual (vídeo), disponibilizado pelas organizadoras do Coletivo na plataforma do Youtube, por informações coletadas a partir do site do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC assim como relatos enviados por áudio pelas participantes. Está localizado no extremo da zona sul de São Paulo, no distrito de Parelheiros, que de acordo com o Mapa da Desigualdade de 2017, publicado pela Rede Nossa São Paulo, apresenta os piores indicadores no que tange à presença de equipamentos públicos na educação, cultura e saúde pública.

Quadro 1 – Compilação dos principais indicadores da região de Parelheiros

Indicador	Resultado obtido em Parelheiros
Acervos de livros infanto-juvenis	0,026
Centros culturais, casas e espaços de cultura	0
Cinemas	0
Museus	0
Salas de shows e concertos	0
Teatros	0
Atendimento nas creches municipais	0,485
Atendimento nas pré-escolas municipais	0,66
Demanda atendida em creches	79,94
Demanda atendida de vagas em pré-escolas municipais	99,34
Tempo de atendimento para vaga em creche em dias	165,13
Equipamentos esportivos	0,202
Telecentros	0,135
Gravidez na adolescência	16,28
Relação de gravidez na adolescência entre mães negras e não negras	2,08

Relação pré-natal insuficiente entre negros e não negros	1,13
Pré-natal insuficiente	23,68
Idade média ao morrer	59,9 anos
Remuneração média do emprego formal – 2015	R\$ 1.734,37
Número de vezes que o distrito aparece entre os 30 piores distritos nos 38 indicadores avaliados	16

Fonte: Adaptado pela autora de Mapa da Desigualdade, 2017.
www.nossasaopaulo.org.br/mapa-da-desigualdade

De acordo com o site do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC, o Coletivo “Sementeiras de Direitos” é um grupo organizado com o objetivo de formar, organizar e fortalecer as mulheres em Parelheiros. No espaço do coletivo são promovidos encontros nos quais são trabalhadas questões sobre autoestima, relacionamentos familiares, cuidados com os filhos e direitos. Nesses encontros as Sementeiras recebem formação sobre Direitos Humanos, Direitos da Mulher, Relações de Gênero, Direitos da Criança e do Adolescente, Direito à Diversidade, Direitos Sexuais e Reprodutivos. Os homens e meninos também são convidados a participar das oficinas e rodas de conversa. Conforme apurado com a participante e colaboradora Rafaela, o Coletivo conta com a parceria de uma equipe multidisciplinar que de maneira voluntária oferecem as formações.

Uma das participantes (sem identificação), diz que o “Sementeiras de Direitos traz a possibilidade de discutir direitos e que por isso tem esse nome”. O Coletivo promove atividades voltadas principalmente ao diálogo e debates sobre diversas questões. As participantes apontam a importância do Coletivo, ao trazer temas ligados à maternidade e aos cuidados com os filhos, a Lei Maria da Penha, à cultura do machismo, racismo dentre outras questões de extrema relevância para as mulheres da periferia.

Os depoimentos apontam que no ambiente do Coletivo, as mulheres aprendem a desconstruir discursos de cunho machista proferidos por elas antes de conhecerem o Coletivo. Destacam que o Coletivo promove à elas a busca por liberdade, seja de ordem étnico-racial, de gênero e de igualdade.

Em entrevista realizada por Tássia de Carvalho e publicada em setembro de 2016 no site do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC, a pedagoga

e coordenadora de projetos do mesmo instituto, Bel Santos Mayer, fala sobre o apoio da *BrazilFoundation*¹ ao projeto Sementeiras Direitos. Neste mesmo ano, Bel recebeu homenagem da instituição apoiadora. Ela conta que em 2015, a *BrazilFoundation* começou a apoiar o Ibeac, através do Projeto Sementeiras do Direito, que trabalha o enfrentamento da violência e cuidados nas comunidades. Com o apoio da *BrazilFoundation*, foi criada a Casa do Brincar, onde adolescentes brincam entre elas e com crianças.

“É uma experiência que está dando muito certo, depois disso também entramos no Outra Parada – iniciativa pioneira no setor social brasileiro, focado no financiamento de iniciativas informais. Apoiamos três organizações a fortalecerem seus projetos.” (Bel Mayer, 2016)

Além disso, foram escolhidos o ‘Teatro de Barros’, que leva a poesia de Manoel de Barros e Carolina Maria de Jesus para as ruas; a ‘Brechtoteca’, roda de cuidado e proteção das mulheres dentro das bibliotecas; e o ‘Núcleo de Jovens Políticos’, que se encontram para discutir e pensar política.

Ainda na entrevista, Bel informa que os planos do IBEAC para a próxima década estão ligados diretamente ao desenvolvimento de Parelheiros.

“Chegamos a Parelheiros em 2008, com o plano de ficarmos dez anos, contribuindo para a formação de um grupo que se tornasse referência dentro das suas comunidades. Passaram-se oito, esse grupo de jovens existe, a biblioteca existe, as sementeiras existem – e o nosso propósito é dar esse poder, importante para grandes transformações.” (Bel Mayer, 2016)

Para que esse poder seja dado, o IBEAC planeja atuar em várias áreas dentro da região: fortalecer um grupo de mulheres, que seja de acolhida, de construção de estratégias de enfrentamento ao machismo e outras violências.

“E também um grupo de mulheres que contribua para a transformação de Parelheiros em um lugar do bem viver e nós

¹ A **BrazilFoundation** é uma organização pioneira na filantropia brasileira, atuando como uma ponte entre doadores e organizações sociais que promovem igualdade, justiça social e oportunidade no Brasil. <https://brazilfoundation.org>

estamos falando do bem viver enquanto espaços culturais, educacionais, alimentares” (Bel Mayer, 2016)

Além de fortalecer as Sementeiras de Direitos, o Ibeac planeja que a biblioteca seja reconhecida como uma política pública do município de São Paulo. Sobre isso, Bel declara que o Coletivo Sementeiras de Direitos já se configura como um ponto de cultura, mas desejam que possam ter fomento cultural, ser um equipamento que funciona junto com a rede municipal de bibliotecas.

Por fim, O Ibeac planeja ir além, Bel afirma que a organização quer conseguir interferir na questão da alimentação a partir das plantas comestíveis que existem na região, dos frutos tradicionais: açaí e Cambuci. Além disso, o Ibeac quer que Parelheiros se transforme em um centro de excelência no tratamento das crianças. Bel finaliza com um desejo:

“Queremos ser um centro de referência em relação à perspectiva para o futuro, que Parelheiros possa ser uma região que cuide muito bem do futuro para as crianças, mulheres e jovens. Isso significa cuidar do ambiente, das crianças, das mulheres e construir espaços para novas relações” (Bel Mayer, 2016).

Os encontros e as atividades do Coletivo são realizados, em sua maioria, no ambiente da biblioteca comunitária “Caminhos da Leitura”. Embora o foco deste trabalho não tenha como abordagem a biblioteca comunitária, o fato de que a biblioteca Caminhos da Leitura é polo concentrador do Coletivo, observa-se a relevância em tratá-la.

De acordo com informações coletadas no site do IBEAC, a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura foi inaugurada em 2008 e, atualmente está sob a coordenação do IBEAC e objetiva prestar serviços de empréstimos de livros, mediação de leitura, oficinas de expressão verbal, arte e boas práticas ambientais.

A Biblioteca situa-se na mesma região do Coletivo, na periferia de São Paulo. Segundo Machado e Vergueiro (2010, p.3), é principalmente em regiões periféricas – onde as populações têm maior dificuldade de acesso à informação, à cultura e à

educação de qualidade e serviços públicos em geral –que percebemos o surgimento de novos espaços de leitura, comumente denominados de "biblioteca comunitária".

No documentário sobre as Sementeiras, Bel Mayer, relata sobre uma demanda levada pelo público formado pelas jovens à biblioteca Caminhos da Leitura. As meninas estavam sofrendo exposição de seus corpos nas redes sociais, especialmente em grupos de *WhatsApp*, em um concurso chamado ‘top 10’ em que os membros destes grupos elegiam as 10 (dez) meninas consideradas as mais safadas. Segundo Bel, essa exposição levou algumas meninas a tentarem o suicídio, além, de se sentirem envergonhadas de saírem às ruas e de frequentarem a escola.

As jovens da biblioteca segundo Bel, questionaram sobre uma maneira de fortalecer e dar apoio a essas meninas. Surgiu então um grupo virtual com adesão de aproximadamente 90 meninas, no qual elas discutem sobre temas diversos como questões de gênero, sobre a violência, debatem sobre aborto, sobre a questão da roupa, do assédio e o desrespeito no transporte público. Bel destaca que é um grupo de fortalecimento que posteriormente se materializa em encontros na biblioteca. Esses encontros ocorrem quinzenalmente e abordam temas como as leis de proteção às mulheres, como a Lei Maria da Penha, as histórias de lutas das mulheres por meio do estudo de textos de Simone de Beauvoir, os textos e imagens de Frida Khalo, os textos de Carolina Maria de Jesus. De acordo com Bel, esses estudos possibilitaram que as meninas e mulheres frequentassem espaços da Cidade de São Paulo que trazem homenagens e conhecimento sobre essas mulheres, como a exposição sobre Frida Khalo no Instituto Tomi Otake e a exposição sobre Carolina Maria de Jesus no Museu Afro-Brasil.

Por fim, Bel acredita que ao estudar as biografias dessas mulheres, elas conseguem se fortalecer e a outras. Para ela, as Sementeiras vão semeando o direito de mulheres e de meninas de existir e de lutar pela igualdade de oportunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da Informação passou a observar novos objetos durante os últimos anos, aplicando seus conceitos nos mais diversos contextos sociais e culturais, oferecendo visibilidade a temas historicamente invisibilizados, como por exemplo, a questão da desigualdade de gênero e seus desdobramentos.

Historicamente, a mulher ocupou um lugar secundário no tecido social, uma vez que a estruturação do patriarcado sufocou por muitos anos qualquer forma de protagonismo feminino, bem como silenciou as vozes que ousaram se revoltar com a invisibilidade. Contudo, o florescer do feminismo no Brasil deu força para que as ousadas vozes ganhassem cada vez mais adeptas e que conquistassem direitos e espaços. Desde os anos 1970, mesmo vivenciando um cenário político, social e econômico desfavorável, em razão do governo militar, as mulheres já levantavam questões como a violência, aborto, sexualidade, contracepção, juntamente com as reivindicações relativas ao trabalho (a jornada dupla, por exemplo) e o pleito à cidadania às mulheres. (MATOS, 2002).

É importante ressaltar que o feminismo negro e periférico se fez fundamental durante o processo de fixação das vertentes feministas brasileiras. Na periferia as mulheres enfrentam muitas dificuldades em várias situações do cotidiano e que são potencializadas pela contexto social e cultural. Sabemos que a elas, são limitados direitos e serviços básicos, as oportunidades de trabalho são escassas e na maioria das vezes, estão localizadas em regiões muito distantes. Mas se tem algo que o feminismo, principalmente o feminismo negro, nos ensina é a efetivação de laços, juntas podemos muito, e é pela união de mulheres que altera-se realidades.

O ambiente dos coletivos seja físico ou digital, proporciona às meninas e mulheres da periferia, uma troca muito significativa. Ações simples como uma roda de leitura, provoca a reflexão e o debate. É uma troca transformadora, pois, cria para essas mulheres uma rede de apoio, desenvolvendo seu senso crítico e estimulando sua capacidade de expor sua opinião e fazer valer a sua voz.

Os conceitos de mediação da informação e cultura são interligados e suas práticas permeiam em um contexto de interseccionalidade de seus temas. Os coletivos pesquisados em sua essência, permitiram inferir que suas ações contribuem para o empoderamento e apropriação da informação e da cultura de meninas e mulheres em seus respectivos ambientes de atuação. A apropriação por parte do receptor

agrega valor à informação e legitima, ao mesmo tempo, o valor do mediador, como agente condutor no processo de mudança e de transformação social.

Inferiu-se que esses espaços estão relacionados e são inseridos de forma natural às práticas e motivações de ordem política, não há como considerá-los de forma independente. A motivação política no âmbito desses espaços e movimentos organizados está calcada na necessidade e urgência em promover à esta população uma rede de acolhimento, de diálogos e debates pautados na luta pela igualdade de direitos na sociedade, bem como dar voz e espaço para suas criações de cunho libertário no campo artístico e cultural em prol do desenvolvimento.

Da mesma forma, à luz da Ciência da Informação, a mediação com abordagem sociocultural caracteriza esses espaços como ambientes de resistência. A periferia está à margem de um sistema que não propicia, ou ainda, não possui uma gestão pública adequada e pensada para esta população. Os coletivos surgem como uma maneira de repercutir suas demandas, ocupar os espaços, colocar-se como protagonista, como um autor e não mais apenas co-autor, as meninas e mulheres no âmbito dos coletivos feministas, por meio da mediação da informação e da cultura aprendem que de fato existem e resistem.

Por fim, concluiu-se que esta pesquisa apresenta corpo para aprofundamento, pois o tema é minimamente explorado no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação. As questões aqui abordadas podem ser aprofundadas sob outras vertentes, tais como elaboração e aplicação de políticas públicas direcionadas à periferia, situação dos órgãos e entidades públicos ligados à educação e cultura nas esferas local e nacional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Pesq. Bras. Ciências da Informação*, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/ind.php/pscib/article/view/11990>>. Acesso em: 06 out. 2018.
- BADKE, Todêsa. Biblioteca popular: uma experiência no bairro das Laranjeiras. **Palavras-Chave**, São Paulo, n. 4, p. 18-19, maio. 1984. Disponível em: <<https://books.org/cidehus/1799>>. Acesso em: 10 Maio 2018.
- BARRETO, A. Transferência da informação para o conhecimento. In: AQUINO, M.A. (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002. p. 49-60.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.93.
- BRASIL FOUNDATION. **Homepage**. São Paulo. Disponível em: <<https://brazilfoundation.org/?lang=pt-br>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- CUNHA, M. V. da. O Papel social do bibliotecário. **Ciências da Informação**, Florianópolis, n. 15, p. 41-46, out. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2003v8n15p41/5234>>. Acesso em: 10 maio 2018.
- DAVIS, A. A. **Davis: An Autobiography**, New York: Randon House, 1988
- DEMETRIO, E. “Da Diáspora”: a formação dos estudos culturais e o deslocamento da questão cultural. **Cadernos Imbondeiro**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-6, 2010.

Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/view/13520/7679>>.
Acesso em: 20 out. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTUDOS E APOIO COMUNITÁRIO. **Homepage**.
São Paulo: IBEAC. Disponível em: <<http://www.ibeac.org.br/tag/site/>>. Acesso em:
20 nov. 2018. 45

JOÃO, J. F. dos S. **A importância da mediação cultural na relação entre a escola e a instituição cultural**. 2012. 165 f. Trabalho de conclusão de curso (Mestrado em Ciências da Educação)-Universidade de Lisboa – 2012. Disponível em:
<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8110/1/ulfpie043059_tm.pdf>. Acesso em:
10 out. 2018.

LARAIA, R. D. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MACEDO, N. O.; SILVA, J. L. C. folha de rosto. **Biblioteconomia e Ciência da Informação**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 64-74, jan./jun. 2015. Disponível em:
<<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/51882>>. Acesso em: 12 out. 2018.

MACHADO, E. C.; VERGUEIRO, W. A prática da gestão participativa em espaços de acesso à informação: o caso das bibliotecas públicas e das bibliotecas comunitárias. **Rev. Interam**. Bibliot, Medellín , v. 33, n. 1, p. 241-255, Jun. 2010 . Disponível em:<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-09762010000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Maio 2018.

MARTELETO, R. M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 1-8, abr. 1995.

MARTELETO, R. M.; THIESEN, I. "somente existe cultura transformada": as mediações da informação e da comunicação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 2, maio/jun. 2018. Disponível em: <[10.22478/ufpb.1809-4783.2018v28n2.8751](https://doi.org/10.22478/ufpb.1809-4783.2018v28n2.8751)>. Acesso em: 06 out. 2018.

MARTINS, A. A. L. **Mediação**: reflexões no campo da Ciência da Informação. Minas Gerais: UFMG, 2010.

MATOS, M. I. S. de. Da Invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. **Margem**, São Paulo, n. 15, p. 237-252, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/margem/m15mim.htm>>. Acesso em 15. mar. 2018.

MATTELART, A.; NEVEU, É. **Introdução aos estudos culturais**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo. 2003. 46

RASTELI, A.; CALDAS, R. F. Mediação Cultural em Biblioteca Pública para a Cultura de Paz e Integração Social. **Rebecin**, Marília, v.4, n.2., p.47, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin>>. Acesso em 02 maio 2018.

SANTOS, J. M. Ação Cultural em Bibliotecas Públicas: o bibliotecário como agente transformador. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 173-189, jun./dez. 2015. Disponível em: <http://bases.eci.ufmg.br/cgi-bin/wxis/?IsisScript=/xampp/htdocs/bases/bibeci_search.xis&search_action=simple&search_term1=SANTOS,%20Josiel>. Acesso em: 22 out. 2018.

SEMENTEIRAS DE DIREITOS. Direção:IBEAC. Produção: Belina Filmes, 2016. 1 **filme vídeo aula** (16 min.). Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=l1AjuqVmK1s&feature=youtu.be>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**: Diretrizes para o Trabalho Didático-Científico na Universidade. 4. ed. São Paulo: Cortezs e Moraes, 1979, p. 82.

SOUZA, A. C. R. de M. **Ação cultural e Biblioteconomia**: uma análise da formação do bibliotecário como agente cultural. 2016. 42 f. Trabalho de conclusão de curso

(Graduação em Biblioteconomia e Documentação)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/2679/1/SOUZA%2C%20Anna.pdf> >. Acesso em: 10 out. 2018.

VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A; FARIAS, M. G. G. Mediação em múltiplas abordagens. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 138-170, maio./ago. 2014. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao>>. Acesso em: 20 nov. 2018.